

# O S DESAFIOS DA EMPREENDEDORA NEGRA NA GESTÃO DE SEUS NEGÓCIOS

Recebido: 05/07/2022

Aprovado: 03/12/2022

<sup>1</sup>Heraldo Márcio de Aguiar

<sup>2</sup>Vânia Maria Jorge Nassif

<sup>3</sup>Márcia Maria Garçon

## Resumo

**Objetivo:** Identificar quais são as dificuldades, originárias da discriminação e preconceito raciais, que as empreendedoras negras enfrentam na gestão de seus negócios.

**Método:** Trata-se de um estudo teórico alicerçado nas literaturas brasileira e internacional, cuja proposta foi a de categorizar os principais problemas de gestão das empreendedoras negras do Brasil, oriundos da discriminação racial.

**Originalidade/Relevância:** As contribuições, originalidade e relevância do artigo provêm do contexto estudado, mulheres empreendedoras negras e as dificuldades para fazer a gestão de seus negócios. Boa parte dos estudos identificados na literatura aborda conflitos de diferentes naturezas e são pouco aqueles que integram questões discriminatórias e preconceitos raciais de mulheres empreendedoras. Esta temática é emergente e atual havendo a necessidade de aprofundamento teórico para alicerçar os estudos empíricos.

**Resultados:** O artigo possibilitou um importante levantamento teórico sobre os constructos abordados. Por meio de 76 artigos estudados, foi possível identificar os desafios enfrentados pelas empreendedoras negras, configurando-se em sete categorias: a) família x trabalho; b) vida em comunidades; c) recurso financeiro; d) medo do fracasso; e) falta de modelos empreendedor/falta de experiência; f) desvantagem educacional e g) discriminação socioeconômica. Os resultados reúnem os principais desafios e as dificuldades identificadas.

**Contribuições teóricas/metodológicas:** O artigo oferece novas contribuições ao refletir: i) a relevância da atuação da mulher negra e sua atuação no cenário social e o preconceito que ainda sofre; ii) os desafios e as consequências advindas da dificuldade para desenvolver o empreendimento por assumirem um duplo papel na sociedade, mulheres negras e empreendedoras; iii) dificuldades emocionais identificadas ao desempenharem ações empreendedoras; iv) a escassez de estudos que reúnem os constructos estudados e a ausência de evidências empíricas sobre mulheres negras empreendedoras.

**Palavras-chave:** Mulheres negras. Empreendedoras negras. Desafios de mulheres negras. Gestão de negócios. Racismo.

FUTURE STUDIES RESEARCH JOURNAL

Scientific Editor: Renata Giovinazzo Spers

Evaluation: Double Blind Review, pelo SEER/OJS

Doi: <https://doi.org/10.24023/FutureJournal/2175-5825/2023.v15i1.648>

<sup>1</sup> Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, (Brasil). E-mail: [heraldo.aguiar@terra.com.br](mailto:heraldo.aguiar@terra.com.br) Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-7481-6008>

<sup>2</sup> Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, (Brasil). E-mail: [vania.nassif@gmail.com](mailto:vania.nassif@gmail.com) Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-3601-2831>

<sup>3</sup> Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, (Brasil). E-mail: [mgarcon@gmail.com](mailto:mgarcon@gmail.com) Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-4077-8154>

# T HE CHALLENGES OF THE BLACK WOMEN ENTREPRENEURS IN THE MANAGEMENT OF THEIR BUSINESS

## Abstract

**Objective:** To identify what are the difficulties arising from racial discrimination and prejudice which black women entrepreneurs face in the management of their businesses.

**Method:** This is a theoretical essay, based on the Brazilian and international literature whose proposal was to categorize the main Brazilian black women entrepreneurs' management problems arising from racial discrimination.

**Originality/Relevance:** The contributions, originality and relevance of the article come from the context studied, black women entrepreneurs and the difficulties in managing their business. Most of the studies identified in the literature address conflicts of different natures and there are few that integrate discriminatory issues and racial prejudices of black women entrepreneurs. This theme is emerging and current, and there is a need for theoretical deepening to support empirical studies.

**Results:** The article allowed an important theoretical survey on the constructs addressed. Through 76 articles studied, it was possible to identify the challenges faced by black women entrepreneurs, consisting of seven categories: a) family x work; b) life in communities; c) financial resources; d) fear of failure; e) lack of entrepreneurial models/lack of experience; f) educational disadvantage and g) socioeconomic discrimination. The results bring together the main challenges and their identified difficulties.

**Theoretical/methodological contributions:** The article offers new contributions by reflecting: the relevance of the performance of black women and their performance in the social scenario and the prejudice still suffered; ii) the challenges and consequences of the difficulty in developing the enterprise because they assume a double role in society, black women and entrepreneurs; iii) emotional difficulties identified when performing entrepreneurial actions; iv) the scarcity of studies that bring together the constructs studied and the absence of empirical evidence on black women entrepreneurs.

**Keywords:** Black women. Black women entrepreneurs. Black women's challenges. Business management. Racism.

### 1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma reflexão acerca das dificuldades na gestão de negócios geradas pela discriminação e preconceitos raciais contra as mulheres empreendedoras negras. Este trabalho tem como proposta identificar os principais problemas de gestão das empreendedoras negras e por não haver estudos robustos no Brasil, foi necessário encontrar aportes na literatura internacional para se compreender o fenômeno. Atualmente, são escassos os trabalhos publicados sobre o tema, tanto no âmbito nacional como internacional, de acordo com a revisão bibliométrica feita por Oliveira & Pesseti (2020) que buscou identificar quais os fatores que influenciam o empreendedorismo feito por pessoas negras no Brasil. Este estudo traz a importância do tema à luz da literatura pesquisada e a importância de ordem pessoal, além de contribuir para a literatura, uma vez que desafia o discurso tradicional do empreendedorismo que produz uma visão homogênea dos empreendedores. Ainda, tem suscitado reflexões e posicionamento frente às barreiras, ao racismo, ao preconceito e outras dificuldades enfrentadas por mulheres negras empreendedoras.

Os anos 2020/2021 não ficarão marcados na história apenas pela pandemia do Covid-19 e suas tragédias em termos de vidas perdidas e crise econômica. A essas, somam-se casos extremos de preconceito racial como o assassinato de George Floyd e a chacina na Favela do Jacarezinho, para ficar em apenas dois exemplos. Ambas promoveram comoção, revolta e manifestações contra o racismo no Brasil e no mundo (BBC News, 2020; EL PAIS, May.2021).

Casos como esses escancararam as feridas criadas por colonizadores europeus e escravagistas e que insistem em se manter abertas, como racismo e desigualdade racial e de renda. Nos últimos 40 anos, por exemplo, pouca coisa mudou na discriminação e na distância da renda entre brancos e negros na sociedade brasileira, mesmo com as políticas públicas afirmativas implantadas recentemente (Osório, 2021).

De acordo com dados publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE, 2019), em 2018, entre os 10% da população com os maiores rendimentos, apenas 27,7% eram pretos e pardos. Esse grupo representa cerca de 75% da população mais pobre do país. Brancos com nível superior completo ganharam 45% a mais que os pretos e pardos com o mesmo nível de instrução. O relatório do IBGE (2019) mostra, ainda, que renda média dos brancos é superior em duas vezes a dos negros. Somadas à discriminação racial, as mulheres negras ainda enfrentam dificuldades originárias de uma herança conservadora da sociedade do patriarcado. A responsabilidade pelo cuidado dos filhos e das tarefas da casa, os estereótipos de profissões

## Os desafios da empreendedora negra na gestão de seus negócios

e comportamentos somam-se às dificuldades em conquistar melhor renda e lugar de destaque na sociedade (Nassif, Leão & Garçon, 2018; Raposo & Astoni, 2007; Steele & Aronson, 1995).

Este é o contexto no qual se insere o empreendedorismo realizado por mulheres negras: como uma alternativa de trabalho e renda em uma sociedade discriminadora (Arman, 2015; Oliveira & Santos, 2020), servindo como opção que acolhe indivíduos marginalizados e com necessidades (Vale, Corrêa & Reis, 2014); Tavares, Silva & Monarcha, 2018; Paixão, 2003, 2017).

Porém, mesmo com essa característica, o empreendedorismo ainda não consegue responder pela diminuição da diferença de renda entre brancos e negros. O Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2018), mostra que os empreendedores negros são maioria no Brasil (38,8% contra 32,9% dos empreendedores brancos), mas continuam tendo menores rendimentos que seus colegas brancos: 52% dos negros recebem até dois salários-mínimos, enquanto, entre brancos, esse percentual cai para 36%.

Esses dados apontam que, mesmo tendo a oportunidade de empreender, a discriminação racial parece permanecer, agora, deslocada para os negócios. Poucos são os estudos realizados no Brasil que trataram de investigar essa temática; menos ainda se voltaram às questões específicas da mulher negra na gestão de seus negócios (Oliveira & Pesseti, 2020). Essa é a lacuna que este estudo pretende minimizar ao responder à seguinte questão: quais dificuldades, originárias da discriminação e preconceito racial as empreendedoras negras enfrentam na gestão de seus negócios?

Para dar conta desse objetivo, que visou identificar quais são as dificuldades originárias da discriminação e preconceito racial as empreendedoras negras enfrentam na gestão de seus negócios, esta pesquisa, caracterizada como uma revisão narrativa, investigou na literatura nacional e internacional, as informações pertinentes à realidade empreendedora das mulheres negras e suas dificuldades de gestão decorrentes do preconceito e discriminação racial.

Assim, este estudo contribui com o campo ao identificar os fatores críticos de sucesso à gestão de negócios das mulheres negras que é, como vimos nas pesquisas anteriores, majoritário no desenvolvimento da economia do país. Como contribuição social, ilumina as dificuldades estruturais do país para ser mais inclusivo, justo e diverso, provocando discussões acerca de soluções a médio e longo prazos.

### 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

#### 2.1 As Minorias Se Tornam Empreendedores (AS)

O conceito de minorias não é consensual e, assim, empreendedorismo de minorias também não é compreendido de forma uniforme (Mazzarol, 2021; Basu, 2009; Bates, Bradford & Jackson, 2018). Porém, é possível aceitar que o empreendedorismo de minorias reúna pessoas que compartilham de duas características básicas: são considerados minorias dentro de uma comunidade mais ampla ou não pertencem a um perfil de empreendedor convencional. Dentro desse espectro, minorias podem ser os grupos identificados por mulheres, jovens, idosos, desempregados e imigrantes (OCDE, 2019), etnias, pessoas com deficiência, indígenas e a comunidade LGBTQIA+ (Wood, Davidson & Fielden, 2012), assim como pessoas não alfabetizadas e/ou desqualificadas para o trabalho formal e ex-presidiários (Galloway & Cooney, 2012).

Por isso, em uma tentativa de encontrar uma identificação do fenômeno, autores concordam em afirmar que o empreendedorismo de minorias envolve um empreendimento autônomo dirigido por uma pessoa que não é típica da sociedade dominante e, portanto, pode ser descrita pelo adjetivo minoria (Dana & Vorobeva, 2021; Chaganti & Greene, 2002). Mesmo assim, Dana & Vorobeva (2021) alertam que o conceito é fluido, dinâmico e relacional porque permite diferentes interpretações a depender do contexto, do caso e do período histórico de avaliação, além disso, as questões identitárias dos grupos vão influenciar a experiência do negócio.

As estruturas de uma sociedade impõem aos empreendedores minoritários experiências diferenciadas de empreendedorismo, com desafios adicionais e distintos ao planejar, iniciar e expandir um negócio, quando comparadas ao empreendedorismo executado pela população majoritária (Bates, 2011; Cooney, 2021).

Segundo Berdejó (2021), para muitos empreendedores, os negócios ou autoemprego são reflexos de restrições de oportunidades como a dificuldade de inserção em cursos de formação educativa superior somado à discriminação na busca por empregos formais. Mas, as barreiras para a inserção econômica e social continuam mesmo tendo criado seus negócios. A baixa taxa de sucesso nos empreendimentos neste grupo é explicada pela dificuldade em explorar oportunidades de mercado, de levantar financiamento e de penetrar nas redes convencionais (Bates, 2011), pela pouca experiência empresarial ou falta de uma experiência qualificada (Scarborough & Zimmerer, 2005), pela necessidade do uso de bens e recursos financeiros

próprios (Bates, 1997; Fairlie, 1999; Bewaji, Yang & Han, 2015), a vivência familiar com o trabalho autônomo dos pais (Hout & Rosen, 1999; Fairlie & Robb, 2007) e estrutura familiar (Singh, Crump & Zu, 2009). Todas essas dificuldades são oriundas de uma sociedade que discrimina as minorias, interferindo na viabilidade e sustentabilidade do negócio (Bewaji et al., 2015).

Essas barreiras resultam em empresas excessivamente pequenas, menos lucrativas e geralmente menos viáveis (Bates, Jackson & Johnson, 2007), ficando impossibilitadas de competir de forma igual com seus concorrentes pertencentes aos grupos majoritários (homens brancos) (Verver, Passenier & Roessingh, 2019). Segundo Berdejó (2021); Dheer (2018) e Nazareno, Zhou & You (2018) os estudos realizados com empreendedores imigrantes, por exemplo, mostram que eles tendem a abrir seus negócios em áreas empobrecidas e a se envolverem em atividades de negócios negligenciadas por empresas de maioria étnica.

À luz da diversidade e variedade de grupos e abordagens de estudos, cada grupo minoritário vai apresentar dificuldades, barreiras e adversidade próprias durante o seu processo empreendedor (Dana & Vorobeva, 2021; Mazzarol, 2021; Bates et al., 2018; Basu, 2009). Porém, para Fuller-Love, Lim, & Akehurst (2006), há evidências de que determinados grupos, por exemplo, mulheres e alguns grupos étnicos podem enfrentar algum grau de problemas adicionais.

### 2.2 A Etnia Negra e os Negócios no Brasil

Desde os trabalhos seminais de Paixão (2003) e Davies (2009), a literatura sobre empreendedorismo negro não apresenta trabalhos específicos por gêneros. Para autores como Ferreira & Nogueira (2013), homens e mulheres negros se deparam com os mesmos e diversos obstáculos em seus negócios como, por exemplo, a capacitação para negócios limitada, excesso de burocracia e tributação e o constante medo do fracasso. Mas, são poucos os trabalhos publicados sob o tema, de acordo com a revisão bibliométrica feita por Oliveira & Pesseti (2020). Para Paixão (2003) o debate sobre raça, racismo e empreendedorismo, deve compreender o papel de políticas públicas voltadas para esse público. O autor foi um dos primeiros a identificar que o empreendedor negro era obrigado a superar diferentes situações nascidas do preconceito racial e das desigualdades étnicas e sociais do país.

Outro estudo de referência é Davies (2009), o autor apresenta a relação entre identidade negra e ascensão socioeconômica via empreendedorismo em um debate que propõe identidade de classe, conduta empresarial e questão racial na construção do *self*. Davies (2009) analisou

## Os desafios da empreendedora negra na gestão de seus negócios

nove empreendedores (sete homens e duas mulheres) entrevistados por meio de quatro características do “ser negro”: a) os radicais (priorizam a raça e desigualdade em seus discursos); b) os alternativos (reconhecem o preconceito e a desigualdade racial e acreditam que o esforço individual supera as barreiras sociais e o preconceito de cor); c) os assertivos (não negam o preconceito, mas afirmam que não o sofrem) e d) os democráticos (cor desapareceu por completo do discurso como se a sociedade brasileira vivesse em harmonia racial) (Davies, 2009).

Como resultado, descobriu-se que a identidade negra vai se diluindo conforme o sujeito passa a ascender economicamente. A classe média negra possui identidades híbridas, tanto em comparação ao segmento social que pertencem quanto ao grupo de origem, esses se reconhecem negros, pardos ou mulatos, mas quando questionados sobre a condição do ser negro, a maior parte só se refere à raça para relatar discriminação e busca ressaltar a mobilidade social ao invés da questão racial (Davies, 2009). O estudo mostra que nenhum dos empreendedores negros de classe média manifestou em seu discurso a identidade radical. Apenas dois sujeitos entrevistados apresentaram o discurso democrático, enquanto outros sete variavam entre a percepção de identidade alternativa e assertiva (Davies, 2009). Apesar de concordarem que o preconceito existe na sociedade, os entrevistados divergiram na importância do mesmo em suas trajetórias de vida acreditando que os obstáculos raciais poderiam ser contornados por esforços pessoais, e sua ascensão social, por mérito.

Quase uma década depois do estudo de Davies (2009), a pesquisa de Santos (2017) mostra uma percepção diferente: empreendedores negros do Rio de Janeiro percebem que têm a vida impactada pela construção de raça e do lugar do negro na sociedade, o que refletiu em vários aspectos de suas vidas e de seus empreendimentos como, por exemplo, a descoberta de oportunidades por meio de certa indignação da ausência de visibilidade dos negros na sociedade. Cada um, a sua maneira, com sua percepção e bagagem de história de vida, identificou no dia a dia de estudos/trabalho uma oportunidade para abrir o seu negócio e assim lutar por espaço, deixar o lugar que foi naturalizado para pessoas negras e dessa forma surgem esses empreendimentos (Santos, 2017).

A pesquisa realizada no Triângulo Mineiro por Borges, Enoque, Mica Neto & Rissi (2020), que analisou a trajetória de dois empreendedores negros, reforça a imbricação das dimensões sociais, culturais, gênero e econômicas da realidade brasileira com as atividades empreendedoras desses sujeitos. Há um histórico de desafios, discriminações e preconceito racial que permeia as experiências vividas por empreendedores e empreendedoras que geram sentimentos contraditórios de resistência e luta, mas também de pessimismo e resignação

quanto ao futuro.

**Já os nove entrevistados nos estudos de Oliveira & Pesseti (2020) evitaram declarar, com clareza e firmeza, que o preconceito racial interferia em seus negócios. Porém, por meio da interpretação das falas, os autores identificaram as dificuldades que esses indivíduos enfrentavam, tais como acesso ao capital de giro/investimento, a baixa experiência, a defasagem de conhecimentos técnicos e gerenciais que apresentavam e que atrapalhavam seus negócios, sendo vistos como frutos de uma grande fissura na sociedade brasileira, principalmente, a diferença de formação educacional entre brancos e negros, o que acarreta a maior desigualdade social.**

### 2.3 Empreendedoras Negras

Estudos sobre dificuldades enfrentadas por mulheres, apenas por serem mulheres, não são recentes e abarcam diferentes olhares, situações e cenários. Raposo e Astoni (2007) por exemplo, enfocaram a luta pelos direitos e igualdade, apontando que ainda falta muito a conquistar neste campo.

A luta pelos direitos iguais esconde uma situação ainda mais conflitiva: a discriminação por gênero pode impactar o emocional das mulheres que correm o risco de sentirem-se desmotivadas, incapazes e infelizes em seus projetos pessoais, principalmente quando relacionado a ter um negócio próprio. Um ambiente machista e pautado pela sociedade do patriarcado (Nassif et al., 2018) contamina o ambiente de negócios das mulheres que enfrentam desafios extras por conta do gênero que implica em atender aos papéis sociais esperados como cuidar da família ou assumir responsabilidades adequadas às mulheres (Nassif, Hashimoto, Borges, La Falce & Lima, 2020; Bertolami, Artes, Gonçalves, Hashimoto & Lazzarini, 2018; Natividade, 2009).

Somadas a essas questões, mulheres negras ainda enfrentam dificuldades geradas na discriminação racial como falta de acesso ao capital, redes de negócios insuficientes para apoio a pares, investimentos e oportunidades de negócios e a ausência de toda a gama de habilidades essenciais necessárias para levar um negócio a sobreviver e crescer (Barr, 2015).

Poucos são os estudos focados em mulheres negras e seus negócios no Brasil. Encontramos em Moreira & Barros (2018), um estudo comparativo com sete empreendedoras, que demonstra que grande parte das empreendedoras brasileiras negras detém menor escolaridade que as empreendedoras da etnia caucasiana, resultando em riscos para os negócios. Corroborando, publicação do IBGE (2018) indica, quanto à educação, que mulheres no Brasil,

para a população de pretas ou pardas com 25 anos ou mais de idade, com ensino superior completo, era de 10,4 para as mulheres enquanto para mulheres brancas era de 23,5%. Isso indica como as dificuldades da etnia negra no Brasil associam-se, intimamente, suas condições socioeconômicas.

Um trabalho focado em três mulheres negras realizado no Rio Grande do Sul por Machado & Paes (2021) identificou os desafios sociais e econômicos enfrentados por elas naquele estado. Descobriram que, além da discriminação racial enfrentam processos de silenciamento, invisibilidade e estereotipia pelo fato de serem mulheres.

### 3 METODOLOGIA

Este é um estudo exploratório que adotou a revisão narrativa (Elias, Silva, Martins, Ramos, Souza & Hipólito (2012) na literatura nacional e internacional, utilizando a análise de conteúdo (Bardin, 2021) como principal instrumento metodológico para identificar as principais dificuldades das empreendedoras negras na gestão de seus negócios, oriundas da discriminação e preconceitos raciais.

#### 3.1 Coleção de Dados

O corpus textual foi composto por artigos publicados entre 1979 e 2021, em periódicos voltados ao empreendedorismo e negócios.

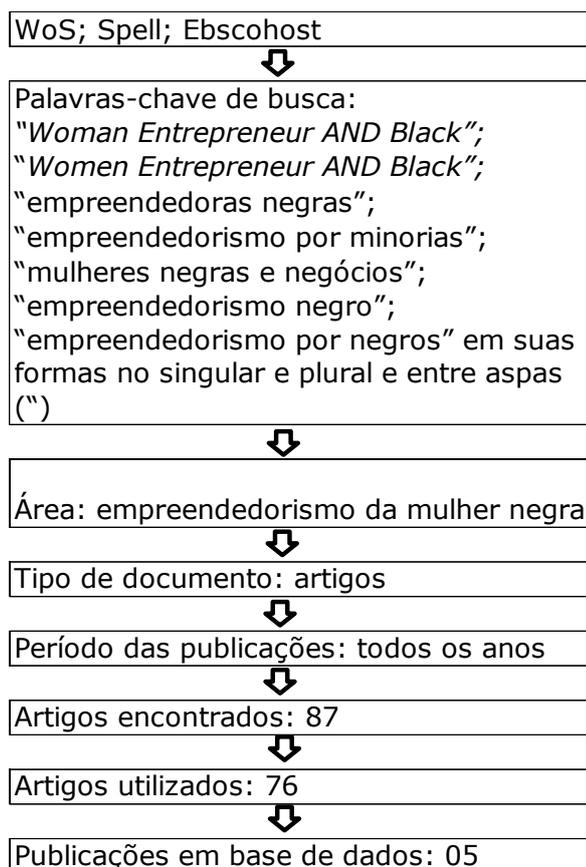
O primeiro artigo encontrado data de 1979, mas a busca não utilizou filtro de tempo. Seguiu-se um rigoroso protocolo de pesquisa considerando apenas periódicos analisados por pares. A coleta de dados incluía também publicações nacionais, a pesquisa de artigos foi realizada em diferentes bases, a fim de evitar perda de artigos relevantes publicados, sobretudo, no Brasil.

A pesquisa foi realizada no Web Of Science (WoS) -Social Citation Index (SSCI), Spell e Ebscohost, utilizando as seguintes palavras-chave: descritores “*Woman Entrepreneur AND Black*”; “*Women Entrepreneur AND Black*”; “*empreendedoras negras*”; “*empreendedorismo por minorias*”; “*mulheres negras e negócios*”; “*empreendedorismo negro*”; “*empreendedorismo por negros*” em suas formas no singular e plural e entre aspas (“) para que a busca só fornecesse resultados de estudos com ambas as palavras. Foram considerados apenas documentos do tipo artigos completos. Um refinamento nesta busca foi realizado por

## Os desafios da empreendedora negra na gestão de seus negócios

meio da técnica bola de neve (Biernarck & Waldorf, 1981). No total, 87 artigos foram selecionados para a análise. Submetidos ao critério de alinhamento com o objetivo deste estudo, foram eliminados 11 artigos e 76 artigos seguiram para a revisão narrativa. Adotando o critério de alinhamento desses estudos ao objetivo da pesquisa, o corpus de análise foi finalizado em 76 artigos e 5 publicações.

A figura 1 apresenta o desenho da pesquisa realizada.



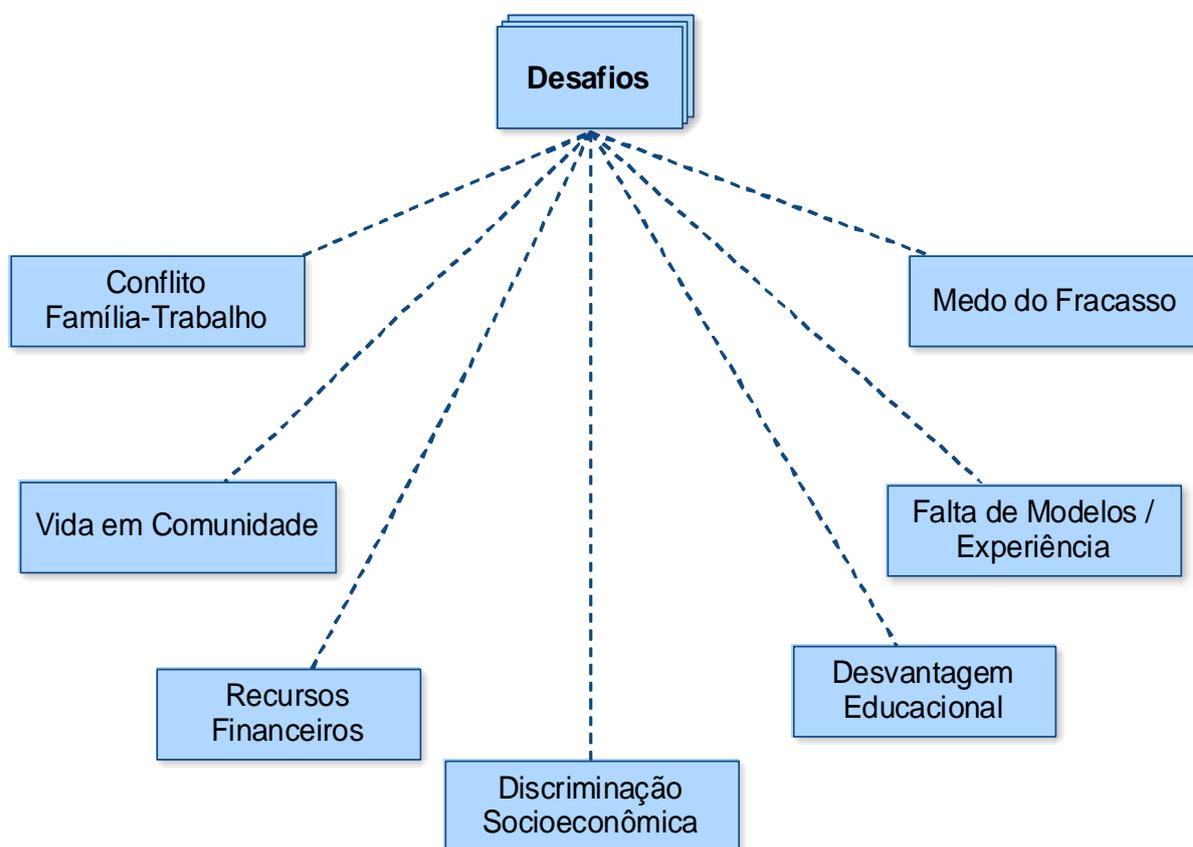
**Figura 1:** Desenho da pesquisa  
Fonte: Desenvolvida pelos autores

A partir das orientações de Bardin (2021), a leitura dos artigos indicou — por convergência, divergência, similaridade e dissimilaridade, categorias de análises que representam as principais dificuldades das empreendedoras negras na gestão de seus negócios oriundas da discriminação racial. Essas categorias foram, posteriormente, submetidas ao software Atlas.ti, especializado em análises qualitativas, com o objetivo de reduzir vieses de interpretação, checar a validade das categorias criadas, à priori, e organizar, visualmente, as associações lógicas das narrativas. Essa prática metodológica foi capaz de validar os dados e as análises realizadas.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise realizada apresentou um cenário desafiador às mulheres negras brasileiras que estão à frente de um negócio, muito parecido com o que empreendedoras negras enfrentam em todo o mundo, com uma diferença importante: no Brasil, além da discriminação do gênero e da etnia, ainda há dificuldades devidas à baixa escolaridade. Isso faz com que Moreira & Barros (2018) defendam uma categoria de minoria referente às mulheres negras e de terceiro mundo.

Os desafios enfrentados pelas empreendedoras negras configuram-se em sete categorias: a) conflito família-trabalho; b) vida em comunidades; c) recursos financeiros; d) medo do fracasso; e) falta de modelos empreendedor/falta de experiência; f) desvantagem educacional e g) discriminação socioeconômica.



**Figura 1:** Categorias dos desafios enfrentados pelas empreendedoras negras  
 Fonte: Desenvolvida pelos autores

##### a) Conflito família-trabalho:

Para Jackson & Sanyal (2019) cuidar da família, gerenciar responsabilidades domésticas

## Os desafios da empreendedora negra na gestão de seus negócios

também impacta diretamente no desempenho do empreendimento em virtude do tempo dividido entre as duas funções. Normalmente, as mulheres negras ao empreenderem assumem um duplo papel na sociedade: atuar no lar cuidando da família e desempenhar seu papel como gestora de seu empreendimento.

Fairlie & Robb (2014) afirmam que a maioria das mulheres negras empreendedoras lida, muitas vezes, com questões de equilíbrio familiar que podem inibir sua capacidade de ser bem-sucedida. O aumento das responsabilidades familiares pode representar uma menor rentabilidade das empresas pertencentes às mulheres e de acordo com Fairlie & Robb (2014) as experiências de interface família-trabalho de empreendedoras negras geram tensões e esses conflitos família-trabalho encurtam a janela de tempo em que as empreendedoras podem desenvolver suas empresas em relação aos empreendedores masculinos.

Corroborando com Jackson & Sanyal (2019); Fairlie & Robb (2014); McGowan, Redeker, Cooper & Greenan (2012) sugerem que embora as mulheres possam desfrutar maior autonomia e flexibilidade, muitas experimentam maiores níveis de conflito família-trabalho, pois a propriedade empresarial não é uma saída para equilibrar o trabalho, papel familiar e responsabilidades. Corroborando, Powell & Eddleston (2013) comentam que o conflito família-trabalho é inevitável devido às demandas de tempo e expectativas comportamentais concorrentes, bem como gera um derramamento de estresse e tensão na família.

### **b) Vida em comunidades:**

Para Valdez, Doktor, Singer & Dana, (2011), os empreendedores negros são mais propensos a viver em comunidades segregadas e têm menos escolaridade do que seus colegas brancos. Jackson (2020) argumenta que as mulheres tendem a utilizar sua família e amigos mais do que os homens e tendem a ter relacionamentos familiares e amigos mais fortes em suas redes e são capazes de lidar com estresse e obter apoio social a partir desses laços. Ainda cita que quando têm poucos funcionários ou não podem pagar os empregados, seus familiares e amigos fornecem mão de obra mais barata sem ter que empregar formalmente alguém. Jackson (2020) comenta que mulheres negras, asiáticas e de minorias étnicas citam o recebimento de ajuda na forma de cuidados infantis, incentivo e aconselhamento jurídico de familiares e amigos.

Para Juma e Sequeira (2017), citados por Jackson (2020), o capital social também pode existir em grupos coétnicos dentro das comunidades e as empreendedoras podem contar com sua comunidade para superar a falta de reputação, legitimidade e dificuldade de entrada no mercado. Jackson (2020) defende que o apoio proveniente da solidariedade racial dentro das

## Os desafios da empreendedora negra na gestão de seus negócios

comunidades pode impulsionar os proprietários de negócios de minorias raciais no início, mas a criação de laços fora da comunidade é fundamental para o crescimento de um negócio, uma vez que fora de seu território identitário as possibilidades de realizar negócios são mais difíceis. Em termos de gênero, pesquisas anteriores também demonstraram que as mulheres proprietárias têm menos organizações às quais podem recorrer para obter apoio em comparação com os homens (Loscocco, Monnat, Moore, & Lauber 2009).

Já Jackson (2020) defende que as empreendedoras negras capitalizam o envolvimento na comunidade para expandir seus negócios e que cultivar o envolvimento na comunidade é um caminho para exposição, *networking* e desenvolvimento de suas marcas.

### c) Recurso financeiro:

Para Sims & Chinta (2019) as desigualdades financeiras enfrentadas por empreendedores de minorias (mulheres, negras, imigrantes e índios) incluem menor volume de capital inicial e taxas de juros mais altas para empréstimos comerciais. As empreendedoras negras enfrentam dificuldades em acesso a recursos e empréstimos no mercado (Smith & Tolbert, 2018; Horne, 2016; Smith-Hunter & Boyd, 2004), são mais propensas a pagar taxas de juros mais altas (Becker-Blease & Sohl, 2007; Bellucci, Borisov & Zazarro, 2010; Muravyev, Talavera & Schäfer, 2009). Em geral os empreendedores minoritários provavelmente iniciam suas empresas com menos capital do que os empreendedores brancos, e dependem de sua riqueza pessoal mais do que de investidores ou outros credores. Corroborando Smith & Tolbert (2018) comentam que as empreendedoras negras têm mais dificuldade em obter empréstimos, tanto de bancos quanto de fontes privadas, e são mais propensas a pagar taxas de juros mais altas (Becker-Blease & Sohl, 2007; Bellucci et al., 2010; Muravyev et al., 2009).

As desigualdades financeiras continuam a existir mesmo quando o *status* de minoria racial não é um fator significativo nas taxas de fechamento ao controlar diversas variáveis de financiamento, sugerindo que práticas discriminatórias no financiamento não estão relacionadas ao risco real (Sims & Chinta, 2019).

Esta dificuldade, afirmam Fairlie & Robb (2014) geram as desvantagens levando a níveis mais baixos de ganhos, falta de experiência e dificuldades em adquirir capital inicial.

Os empreendedores negros recebem menos crédito do fornecedor para seus negócios e, frequentemente, precisam investir seu dinheiro pessoal para financiar seus empreendimentos. Jackson (2020) comenta que este procedimento ocorre especialmente com as mulheres e minorias raciais e que o apoio emocional pode servir como um recurso crucial para quem tem

menos acesso ao capital financeiro (Freeland & Keister 2016).

Quando comparados com empreendedores brancos, os empreendedores negros normalmente têm menos acesso aos recursos financeiros para iniciar seus próprios negócios acarretando desvantagem, pois as pessoas com menos recursos têm menos probabilidade de capitalizar sobre o capital social, humano ou financeiro para se tornarem proprietárias de negócios (Light & Gold 2000; Jackson, 2020).

As mulheres, em geral, de acordo com o estudo de Jackson & Sanyal (2019), enfrentam desafios para iniciar e sustentar suas próprias empresas devido à limitada experiência gerencial e à dificuldade em garantir capital inicial e fundos institucionais.

Não obstante o acesso limitado das mulheres negras a recursos, apoio social e suas redes sociais servirem como barreiras para essas disparidades, essas dificuldades não impedem as mulheres negras de abrirem seus negócios e continuarem seus empreendimentos, estando bem acima da média em uma variedade de setores (Jackson, 2020; Barr, 2015).

Os dados, nos Estados Unidos, mostram os números de maneira detalhada entre os minoritários e, por exemplo, é possível saber que as mulheres negras estão atrás dos empreendedores negros em receitas geradas, vendas médias e número de funcionários (Gibbs, 2014).

### **d) Medo do fracasso:**

O medo de empreender é identificado em diferentes grupos sociais entre empreendedores, independentemente do gênero e etnias, o que pode ser decorrente da visão de fracasso e da percepção de capacidades inferiores, advindos de fatores socioculturais (Cacciotti & Hayton, 2015).

Jackson (2020) comenta que uma vez que recebem menos crédito do fornecedor para seus negócios, os empreendedores negros também frequentemente têm que investir suas reservas financeiras pessoais para financiar seus novos empreendimentos (Freeland & Keister, 2016).

Pesquisas anteriores sugerem que mulheres e proprietários de empresas de minorias raciais lutam para gerar lucros comparáveis aos dos homens brancos e existem várias razões pelas quais empresas pertencentes a minorias e mulheres podem ser menos lucrativas do que outras (Jackson, 2020; Barr, 2015).

### **e) Falta de modelo empreendedor:**

No mundo do empreendedorismo, a falta de modelos é prejudicial aos futuros empreendimentos, pois segundo Mora & Dávila (2014); Smith & Tolbert (2018), na maioria das vezes as empreendedoras negras não têm exemplos familiares com empreendimento para que possam se inspirar ou imitar e/ou não possuem experiências em empresa familiar, o que se torna uma dificuldade para empreender (Schell, Hiepler, & Moog, 2018; Fairlie & Robb, 2014; Jackson & Sanyal, 2019; Robles & Cordero-Guzmán 2007).

Ter um membro da família que possui uma empresa pode representar recursos inestimáveis, como transferência de clientela preexistente, a capacidade de oferecer orientação e permitir uma transição mais perfeita ou processo inicial para novos empreendedores (Schell et al. 2018). Corroborando Carter, Mwaura, Ram, Trehan & Jones (2015), comentam que mulheres, imigrantes e pessoas negras permanecem neutros dentro do domínio empresarial, apesar de estarem sujeitos a análises crescentes, embora discretas, de suas experiências como proprietárias de empresas.

### **f) Desvantagem educacional:**

A pesquisa de Jackson (2020) demonstra que as mulheres negras que empreendem tendem a possuir menos educação formal e experiência empresarial do que as empreendedoras brancas, o que limita suas atividades como empreendedoras (Fairlie & Robb, 2009; DeCarlo & Lyons, 1979). Aquelas mulheres negras que possuem um diploma universitário tendem a entrar em campos de geração de receita mais alta e possuem habilidades para fazer isso, enquanto aquelas sem diploma universitário ou alguma forma de ensino superior são direcionadas para campos geradores de pequenos negócios (Jackson, 2020).

### **g) Discriminação socioeconômica:**

A teoria da expectativa sugere que a discriminação econômica e social contra empreendedores de minorias raciais (mulheres, negros, hispânicos, imigrantes e índios) provavelmente está relacionada às diferenças de atitude e comportamento com base na condição de minoria racial (Sims & Chinta, 2019). Nesta perspectiva, as experiências sócio-históricas e o conhecimento compartilhado das desigualdades podem influenciar o comportamento

## Os desafios da empreendedora negra na gestão de seus negócios

---

individual, aumentando o desânimo em relação às oportunidades importantes e tarefas empresariais (Neville et al., 2018).

Os pressupostos de gênero conferem prejuízo às mulheres em termos de criação ou crescimento de novos empreendimentos e as mulheres, imigrantes e pessoas negras permanecem em outro domínio empresarial, apesar de estarem sujeitos a análises crescentes, embora discretas, de suas experiências como, negócios (Dy, Marlow & Martin, 2017; Carter et al., 2015).

Corroborando esses pressupostos, Jackson & Sanyal, (2019) revelam que à medida que as mulheres negras continuam seus negócios, os estereótipos e as dificuldades de interagir e gerenciar relacionamentos com clientes de minorias raciais podem impactar o processo de abertura nas operações diárias. Forson (2013) chama a atenção para as atividades empreendedoras das mulheres negras imigrantes, examinando confrontos, negociações e diálogos em seus diferentes papéis sociais acarretando, por vezes em papéis conflitantes e, por isso, apresentam dificuldades para estabelecerem e se posicionarem no mercado de trabalho.

Outro aspecto revelado na teoria, referente às mulheres negras que começam seus empreendimentos mais tarde em relação às mulheres brancas, pode estar relacionado ao fato de elas já terem empreendido em outras oportunidades (DeCarlo & Lyons, 1999), além de evidenciar que as empreendedoras negras também têm menos probabilidade de se beneficiar da riqueza geracional (Jackson 2020).

O Quadro 1 reúne os desafios e suas categorias de dificuldades identificadas.

## Os desafios da empreendedora negra na gestão de seus negócios

Categories	Desafios	Autores/data
Conflito família-trabalho	Atuarem tanto no lar, cuidando de sua família, como profissionalmente e desempenhem um papel no contexto social.	McGowan (2012); Powell & Eddleston (2013); Fairlie & Robb (2014); Jackson & Sanyal (2019)
Vida em comunidades	São propensas a viver em comunidades segregadas	Loscocco et al. (2009); Valdez (2011); Jackson (2020)
Recurso financeiro	Ausência de critérios para concessão de empréstimo em diferentes instituições financeiras; menos capital e crédito do fornecedor para seus negócios; capital inicial com as próprias economias; mais probabilidade de ter pedido de empréstimo negado; dificuldade em obter capital de terceiros; taxas de juros mais altas do que os empreendedores de negócios brancos; níveis mais baixos de ganhos; perfil de empreendedoras de sobrevivência; menor probabilidade de capitalizar sobre o capital social, humano ou financeiro	Light & Gold (2000); Smith-Hunter & Boyd (2004); Becker-Blease & Sohl (2007); Muravyev et al. (2009); Bellucci et al. (2010); Fairlie & Robb (2014); Gibbs (2014); Barr (2015); Freeland & Keister (2016); Horne (2016); Smith & Tolbert (2018); Jackson (2020); Sims and Chinta (2019).
Medo do fracasso	Medo da falência em consequência das barreiras institucionais; decorrente da visão de fracasso e da percepção de capacidades inferiores, advindos de fatores socioculturais	Barr (2015); Cacciotti & Hayton (2015); Freeland & Keister (2016); Jackson (2020)
Falta de modelo empreendedor	Não terem exemplo de sucesso empresarial familiar para imitar; possuir pouca experiência empreendedora e/ou formação para negócios.	Robles & Cordero-Guzmán 2007); Fairlie & Robb (2014); Mora & Dávila (2014); Carter et al. (2015); Smith & Tolbert (2018); Schell et al. (2018); (Jackson & Sanyal (2019)
Desvantagem educacional	Maior desvantagem do que as mulheres brancas, as negras, em média, possuem menos educação formal	Fairlie & Robb (2009); Jackson (2020); DeCarlo & Lyons (1979)
Discriminação socioeconômica	Menos organizações de apoio para obter suporte; vítimas de discriminação, hostilidade e isolamento; concentrarem em setores de serviços marginalizados e de forte solidariedade; tendem a ter maior desvantagem do que as brancas, pois em média são mais velhas, começavam seus negócios mais tarde e probabilidade de serem casadas; experiências sócio-históricas aumentam o desânimo em relação a tarefas empreendedoras; não terem suporte na vida profissional e social;	DeCarlo & Lyons (1979); Forson (2013); Dy et al., (2017); Neville et al., (2018); Sims & Chinta (2019); Jackson (2020); Jackson & Sanyal, (2019); (Carter et al., 2015); (Portes 2010).

**Quadro 1** – Desafios e dificuldades de mulheres negras empreendedoras

Fonte: desenvolvido pelos autores (2021)

Esse resultado indica como o sucesso ou o fracasso na gestão de empreendimentos realizados por mulheres negras pode levar em conta não apenas as variáveis de negócios como produtos e serviços, competências financeiras ou marketing, mas, fundamentalmente, a estratificação social que marca o país. Vivendo sob estereótipo negativo, essas mulheres sofrem de ansiedade, sentimento de inferioridade, além de falta de confiança em relação às suas habilidades gerenciais (Steele & Aronson, 1995). Tais limitações afetivas e cognitivas, alinhadas às do ambiente de negócios, resultam em níveis reduzidos de sucesso empresarial e

## Os desafios da empreendedora negra na gestão de seus negócios

dúvidas sobre sua capacidade de cumprir metas e reconhecer novas oportunidades de negócios, colocando-as em desvantagem em relação, também, aos empreendedores negros (Gibbs, 2014).

Esta pesquisa se alinha aos estudos anteriores que já indica a necessidade de investigação dessas variáveis em negócios desenvolvidos por grupos étnicos. Oliveira, Pereira & Souza (2013) demonstraram como as relações étnicas continuam sendo obstáculos para os negócios, uma vez que mediam os relacionamentos com clientes, funcionários, concorrentes e fornecedores. Ainda, apontam as dificuldades no acesso ao crédito bancário e capitalização própria, visto que a grande maioria dos empreendedores negros possui uma origem de baixa renda. As referidas autoras colocam luz nas diferenças entre esses grupos étnico-raciais e o grupo hegemônico (brancos) em relação às oportunidades oferecidas pelo meio social no qual empreendem. E criticam os estudos da Administração que ainda são voltados para o grupo hegemônico, apesar de mais da metade da população brasileira ser de negros e pardos (Oliveira et al, 2013).

Sobre isso, vale a pena indicar que o silenciamento acadêmico citado por Oliveira et al, (2013) sobre essa dinâmica atividade empreendedora no Brasil permanece e é visível na obra de Ferreira, Loiola e Gondim (2020), que retrata a produção científica em empreendedorismo no Brasil no período de 2004 a 2020 sem, contudo, mencionar os empreendimentos criados por negros e negras no país.

Por fim, os resultados demonstram que a ameaça de estereótipos identificada por Steele e Aronson (1995) se estabelece fortemente entre as mulheres negras que buscam o empreendedorismo como alternativa de trabalho e renda. Os efeitos emocionais e afetivos que surgem nestas mulheres, em função da discriminação, são visíveis e podem se estabelecer também como dificuldades e riscos para os negócios. Em 2020, Nassif e colegas demonstraram como atitudes, comportamentos e ações de mulheres empreendedoras podem ser contaminadas por instabilidade emocional como angústia, preconceito, insegurança, ceticismo, orgulho dentre outras emoções negativas (Nassif et al., 2020).

## 5 CONCLUSÕES

Esta pesquisa apresenta importantes revelações nas perspectivas sociais, econômicas, políticas e de negócios de mulheres negras empreendedoras, além de desvelar os desafios e as dificuldades por elas vivenciadas. Pesquisa recente sugere que é importante, no campo das políticas públicas, avançar o entendimento de que todas as iniciativas devem contribuir para a redução da desigualdade de renda com ênfase para a população negra e para a superação da

## Os desafios da empreendedora negra na gestão de seus negócios

desigualdade racial, uma vez que desigualdades racial e de renda andam juntas e não é possível vencer uma sem atacar a outra.

As pesquisas nacionais e internacionais deixam claro que as mulheres negras têm dificuldades de gerenciar seus negócios por conta das ameaças de estereótipos que influenciam e põem em risco seus negócios.

As contribuições deste estudo teórico, além de trazer pesquisas que identificam os fatores críticos vivenciados por mulheres negras frente à gestão de seus negócios, apresenta importantes reflexões na perspectiva social, de negócios e, sobretudo, humanas quando evidencia o sofrimento e suas lutas para se posicionarem enquanto pessoas e profissionalmente. Muito ainda precisa ser discutido sobre a temática das diferenças sociais, da discriminação e preconceito raciais, sobretudo com mulheres empreendedoras negras, ainda incipientes na literatura. Nesta direção, apontamos propostas de estudos futuros que ampliem a investigação com pesquisas primárias que possam validar ou refutar as categorias identificadas neste estudo teórico.

Como contribuições políticas e sociais, esse estudo ilumina as dificuldades estruturais do país e alerta para que as políticas públicas de desenvolvimento econômico vislumbrem ações afirmativas das minorias, com o objetivo de seu fortalecimento e erradicação dos preconceitos e discriminação, seja por etnia, gênero, origem ou qualquer outra. Almeja-se contribuir com o campo ao iluminar e compreender o fenômeno associado e influenciado pelas estruturas sociais e históricas do país, que interferem, não só no sucesso dos negócios como, também, no comportamento empreendedor dessas mulheres. E, não menos importante, espera-se dar voz e lugar ao empreendedorismo por mulheres negras no Brasil no campo científico e acadêmico. Porém, devido às suas limitações, esse estudo não pode aprofundar-se na possibilidade de o empreendedorismo tornar-se um mecanismo capaz de diminuir as desigualdades sociais e econômicas no país, muito embora, esse seja o caminho tomado pelas minorias, mas por necessidade. Outra limitação desse estudo está em não avançar nas medidas de proteção e enfrentamento que essas mulheres adotam para minimizar os efeitos das ameaças por discriminação. Essas são mais duas oportunidades para os estudos futuros avançarem nessa temática.

### REFERÊNCIAS

Arman, A. P. (2015). Empreendedorismo entre mulheres negras na cidade de São Paulo. *RAU - Revista de Administração do UNISAL*. São Paulo, v. 5, n. 8. Disponível em <http://www.revista.unisal.br/sj/index.php/RevAdministracao/article/view/431>

Bardin, L. (2021). *Análise de conteúdo*. Lisboa – Portugal. Edições 70. 5ª Edição. ISBN: 978-972-441506-2.

Barr, M. S. (2015). Minority and women entrepreneurs: *Building capital, networks, and skills*. <https://repository.law.umich.edu/other/78>.

Basu, A. (2009). “Ethnic Minority Entrepreneurship.” In *The Oxford Handbook of Entrepreneurship*, edited by M. Casson, B. Yeung, A. Basu, and N. Wadeson, pp. 590-601. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199546992.003>

Bates, T. (1997), *Race, Self-Employment and Upward Mobility*. Baltimore: Johns Hopkins University Press. Hampden Station - Baltimore, Maryland – 21211 - United States - ISBN 0-8018-5798-8.

Bates, T. (2011). Minority Entrepreneurship. *Foundations and Trends in Entrepreneurship*, 7(3-4), 151-311. <https://doi.org/10.1561/03000000036>.

Bates, T., Bradford, W. D., & Jackson, W. E. (2018). Are minority-owned businesses underserved by financial markets? Evidence from the private-equity industry. *Small Business Economics*, 50(3), 445-461. <https://doi.org/10.1007/s11187-017-9879-1>

Bates, T., Jackson, W. E., & Johnson, J. H. (2007). Advancing Research on Minority Entrepreneurship. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 613(1), 10-17. <https://doi.org/10.1177/0002716207303405>.

BBC News (2020, maio 27). Caso George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joeilhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml> - acessado em 03/05/2021.

Becker-Blease, J. R., & Sohl, J. E. (2007). Do women-owned businesses have equal access to angel capital? *Journal of Business Venturing*, 22(4), 503-521. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2006.06.003>

Bellucci, A., Borisov, A., & Zazzaro, A. (2010). Does gender matter in bank-firm relationships? Evidence from small business lending. *Journal of Banking & Finance*, 34(12), 2968-2984. doi: 10.1016/j.jbankfin.2010.07.008.

Berdej6, C. (2021). Financing Minority Entrepreneurship. *Wis. L. Rev.*, 41. Disponível em <https://repository.law.wisc.edu/s/uwlaw/media/305229>.

Bertolami, M., Artes, R., Gonçalves, P. J., Hashimoto, M., & Lazzarini, S. G. (2018). Sobrevivência de Empresas Nascentes: Influência do Capital Humano, Social, Práticas Gerenciais e Gênero. *Revista de Administração Contemporânea*, 22(3), 311-335. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2018160121>

Bewaji, T., Yang, Q., & Han, Y. (2015). Funding accessibility for minority entrepreneurs: An empirical analysis. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 22(4), 716733. <https://doi.org/10.1108/JSBED-08-2012-0099>

Biernarcki, P. & Waldorf, D. (1981). Snowball sampling-problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological Methods and Research* v. 10, n. 2, p. 141-163. DOI: 10.1177/004912418101000205.

Borges, A. F., Enoque, A. G., Neto, R. M., & Rissi, F. H. (2020). Retratos do Empreendedorismo Étnico-Racial: um estudo sobre a trajetória de Empreendedores Negros. *Anais do XIEGEPE - Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*. ISSN: 2525-7838. Vol. 11, 2020 - 121187. DOI: 10.14211/xi-egepe- 118148.

Cacciotti, G., & Hayton, J. C. (2015). Fear and entrepreneurship: A review and research agenda. *International Journal of Management Reviews*, 17(2), 165-190. DOI: 10.1111/ijmr.12052.

Carter, S., Mwaura, S., Ram, Trehan, M. K. & Jones, T. (2015). Barriers to Ethnic Minority and Women's Enterprise: Existing Evidence, Policy Tensions and Unsettled Questions. *International Small Business Journal: Researching Entrepreneurship* 33(1): 49-69. DOI: 10.1111/1467-8551.12119.

Chaganti, R., & Greene, P. G. (2002). Who Are Ethnic Entrepreneurs? A Study of Entrepreneurs Ethnic Involvement and Business Characteristics. *Journal of Small Business Management* 40 (2):126-43. doi:10.1111/1540-627X.00045.

Cooney, T. M. (2021). *Minority Entrepreneurship: Setting the Context*. The Palgrave Handbook of Minority Entrepreneurship, 3. ISBN 978-3-030-66603-3 (eBook); [https://doi.org/10.1007/978-3-030-66603-3\\_1](https://doi.org/10.1007/978-3-030-66603-3_1).

Dana, L. P., & Vorobeva, E. (2021). "Understanding the Term 'Minority Entrepreneurship'," Springer Books, in: Thomas M. Cooney (ed.), *The Palgrave Handbook of Minority Entrepreneurship*, pp.15-32, Springer. Handle: RePEc:spr:sprchp:978-3-030-66603-3\_2. DOI: 10.1007/978-3-030-66603-3\_2.

Davies, F. A. (2009). Identidades de sucesso: breve reflexão sobre os empresários negros brasileiros. *Plural, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v. 16, n. 2, pp. 75-94.

DeCarlo, J. F., & Lyons, P. R. (1979). A Comparison of Selected Personal Characteristics of Minority and Non-Minority Female Entrepreneurs. *Academy of Management Proceedings*, 1979(1), 369-373. <https://doi.org/10.5465/ambpp.1979.4977629>

Dheer, R.J.S. (2018). Entrepreneurship by immigrants: a review of existing literature and directions for future research. *International Entrepreneurship and Management Journal*, Vol. 14 No. 3, pp. 555-614. <https://doi.org/10.1007/s11365-018-0506-7>

Dy, A. M., Marlow, S., & Martin, L. (2017). A Web of opportunity or the same old story? Women digital entrepreneurs and intersectionality theory. *Human Relations*, 70(3), 286311. doi:10.1177/0018726716650730.

EL PAIS, May.2021. Mortos na chacina do Jacarezinho sobem para 28. Ao menos 13 não eram investigados na operação. [https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-07/maioria-dos-mortos-na-chacina-do-jacarezinho-nao-era-suspeita-em-investigacao-que-motivou-a-acao-policia.html#?prm=copy\\_link](https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-07/maioria-dos-mortos-na-chacina-do-jacarezinho-nao-era-suspeita-em-investigacao-que-motivou-a-acao-policia.html#?prm=copy_link)

Fairlie, R. W. (1999). The Absence of the African American Owned Business: An Analysis of the *Dynamics of Self-Employment*. *Journal of Labor Economics*, 17(1), 80-108. <https://doi.org/10.1086/209914>

Fairlie, R. W., & Robb, A. M. (2007). Why Are Black-Owned Businesses Less Successful than White-Owned Businesses? The Role of Families, Inheritances, and Business Human Capital. *Journal of Labor Economics*, 25(2), 289-323. <https://doi.org/10.1086/510763>

Fairlie, R. W., & Robb, A. M. (2009). Gender differences in business performance: evidence from the Characteristics of Business Owners survey. *Small Business Economics*, 33(4), 375-395. doi:10.1007/s11187-009-9207-5.

Fairlie, R. W., & Robb, A. M. (2014). Why Are Black-Owned Businesses Less Successful than White-Owned Businesses? *The Role of Families, Inheritances, and Business Human Capital*. Disponível em <https://escholarship.org/uc/item/86r7z28d>.

Ferreira, A. S. M., Loiola, E. & Gondim, S. M. G. (2020). Produção Científica em Empreendedorismo no Brasil: Uma Revisão de Literatura de 2004 A 2020. *Revista Gestão e Planejamento*, Salvador, v. 21, p. 371-393, jan./dez. DOI: 10.21714/2178-8030gep.v.21.5618.

Ferreira, J. M., & Nogueira, E. E. S. (2013). Mulheres e suas histórias: Razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino. *Revista de Administração Contemporânea*, 17(4), 398-417. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552013000400002>.

Forson, C. (2013). Contextualising migrant black businesswomen's work-life balance experiences. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 19(5), 460-477. <https://doi.org/10.1108/IJEER-09-2011-0126>.

Freeland, R. E., & Keister, L. A. (2016). How does race and ethnicity affect persistence in immature ventures? *Journal of Small Business Management*, 54(1), 210-228. doi:10.1111/jsbm.12138.

Fuller-Love, N., Lim, L., & Akehurst, G. (2006). Guest editorial: Female and ethnic minority entrepreneurship. *The International Entrepreneurship and Management Journal*, 2(4), 429-439. doi:10.1007/s11365-006-0007-y.

Galloway, L., & Cooney, T. (2012). Silent minorities of entrepreneurship. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 13(2). doi: 10.5367 / ijei.2012.0080.

GEM (2018) - Global Entrepreneurship Monitor - GEM. Análise dos resultados por gênero. Disponível em [www.sebrae.com.br](http://www.sebrae.com.br) - acessado em 31.05.2021.

Gibbs (2014). The Bitter Truth: A comparative analysis of black male and black female entrepreneurs. *Journal of Developmental Entrepreneurship*. v.19, no. 1, p.18. *World Scientific Publishing Company* DOI: 10.1142/S108494671450006X.

Horne, K. N. (2016). Female entrepreneurial self-efficacy among three ethnicities [PhD Thesis]. *Capella University*. <https://www.proquest.com/openview/f8c23bca19b7ca2acd13faf8dcb85295/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750>

Hout, M., & Rosen, H. S. (1999). Self-employment, family background and race. *J. Hum. Resour.*35, 670-692. DOI: 10.2307/146367. <https://doi.org/10.22439/jba.v8i2.5850>.

IBGE (2019) - Instituto Brasileiro de Geografia Estatística - IBGE. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece> - acesso em 12/06/2021.

Jackson, T. M. (2020). We have to leverage those relationships: How Black women business owners respond to limited social capital. *Sociological Spectrum*, 1-18. <https://doi.org/10.1080/02732173.2020.1847706>.

Jackson, T. M., & Sanyal, P. (2019). Struggles and Strategies of Black Women Business Owners in the U.S. *Journal of Business Anthropology*, 8(2), 228-249.

Juma, N., & Sequeira, J. M. (2016). Effects of entrepreneurs' individual factors and environmental contingencies on venture performance: a case study of African-American women-owned ventures. *Journal of Small Business & Entrepreneurship*, doi: 10.1080/08276331.2016.1248276. To link to this article: <http://dx.doi.org/10.1080/08276331.2016.1248276>.

Light, I. & Gold, S. J. (2000). *Ethnic Economies*. Academic Press. A Harcourt Science Technology Company. San Diego, San Francisco, New York, Boston, London, Sydney, Tokio.

Loscocco, K., Monnat, S. M., Moore, G., & Lauber, K. B. (2009). Enterprising women: A comparison of women's and men's small business networks. *Gender & Society*, 23(3), 388-411. DOI: 10.1177/0891243209336741

Machado, S. S. P. & Paes, K. D. (2021). Os desafios enfrentados pelas mulheres negras empreendedoras na cidade de Rio Grande - RS. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v.7,n.5, pp. 45693-45715. Rio Grande-RS. ISSN: 2525-8761. doi:10.34117/bjdv7n5-132.

Mazzarol T. (2021). Future Research Opportunities: A Systematic Literature Review and Recommendations for Further Research into Minority Entrepreneurship. In: Cooney T.M. (eds) *The Palgrave Handbook of Minority Entrepreneurship*. Palgrave Macmillan, Cham. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-66603-3\\_23](https://doi.org/10.1007/978-3-030-66603-3_23).

McGowan, P., Redeker, C. L., Cooper, S. Y., & Greenan, K. (2012). Female entrepreneurship and the management of business and domestic roles: Motivations, expectations and realities. *Entrepreneurship & Regional Development*, 24(1-2), 53-72. DOI: 10.1080/08985626.2012.637351

Mora, M. T., & Dávila, A. (2014). Gender and business outcomes of black and Hispanic new entrepreneurs in the United States. *American Economic Review*, 104(5), 245-249. <http://dx.doi.org/10.1257/aer.104.5.245>.

Moreira, G. J., & Barros, D. E. C. (2018). Mulheres empreendedoras, do terceiro mundo, multirrefadas. *Revista Letras Raras*, 7(2), 321-337. doi.org/10.35572/rlr.v7i2.997.

Muravyev, A., Talavera, O., & Schäfer, D. (2009). Entrepreneur's gender and financial constraints: Evidence from international data. *Journal of Comparative Economics*, 37(2), 270-286. doi:10.1016/j.jce.2008.12.001.

Nassif, V. M. J., Hashimoto, M., Borges, C., La Falce, J. L., & Oliveira Lima, E. (2020). Influência das Ameaças de Gênero e Comportamento de Superação na Satisfação de Empreendedoras. *Future Studies Research Journal: Trends and Strategies*, 12(3).

Nassif, V. M., Leão, A. C., & Garçon, M. M. (2018). O afetivo e o cognitivo de mãos dadas: Uma avaliação das ameaças e comportamentos de superação no empreendedorismo por mulheres. *Anais do Seminários de Administração - SemeAD*, São Paulo, SP, Brasil, 21.

Natividade, D. R. D. (2009). Empreendedorismo feminino no Brasil: políticas públicas sob análise. *Revista de Administração Pública*, 43(1), 231-256. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rap/a/4W3tx5pLKYYTsTqtmcQD9BC/>

Nazareno, J., Zhou, M. & You, T. (2018), Global dynamics of immigrant entrepreneurship: changing trends, ethnonational variations, and reconceptualizations. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, available at: <https://doi.org/10.1108/IJEBr-03-2018-0141>

Neville, F., Forrester, J. K., O'Toole, J., & Riding, A. (2018). “Why Even Bother Trying?” Examining Discouragement among Racial-Minority Entrepreneurs. *Journal of Management Studies*, 55(3), 424-456. DOI: 10.1111/joms.12319.

OCDE (2019). Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE. OECD/European Union. (2019). The Missing Entrepreneurs 2019: *Policies for Inclusive Entrepreneurship*. OECD Publishing. Paris. <https://www.oecd.org/cfe/leed/2019-ME-Policy-Highlights.pdf>.

Oliveira, A. B., Jr., & Pesseti, A. O. (2020) Empreendedorismo Negro: Empoderamento, Identidade e Nicho de Mercado. *XLIV Encontro da ANPAD - EnANPAD*, pp.2177-2576, versão online.

Oliveira, J. S., & Santos, E. L. S. (2020). Práticas, Raça e Organizações Empreendedoras: Um Estudo com Negros Empreendedores na Região Metropolitana da Cidade do Rio de Janeiro. *Revista Ciências Administrativas*, 26(3). Disponível em <https://periodicos.unifor.br/rca/article/view/e9718>

Oliveira, J. S.; Pereira, J. A. & Souza, M. C. D. (2013). Empreendedorismo, cultura e diversidade: a participação dos empreendedores negros nas atividades empreendedoras no Brasil no período de 1990 a 2008. *Contextus: Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 7-30, 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=570765358002>

Osório, R. G. (2021) A desigualdade racial no Brasil nas três últimas décadas. Texto para discussão /Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. - Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 1990- ISSN 1415-4765 I. *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*. CDD 330.908. <http://repositorio.ipea.gov.br>

Paixão, M. (2003). O ABC das Desigualdades Raciais: Um panorama do analfabetismo população negra através de uma leitura dos indicadores do censo 2000. *Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política*. 42 E 43. Janeiro - Julho de 2003. disponível em: <http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/63/53>.

Paixão, M. (2017). Acesso ao Crédito Produtivo pelos Microempreendedores Afrodescendentes: Desafios para a Inclusão Financeira no Brasil. Salvador: *Banco Interamericano de Desenvolvimento* - BID.

Portes, A. (2010). Migration and social change: Some conceptual reflections. *Journal of ethnic and migration studies*, 36(10), 1537-1563. Doi: 10.1080/1369183X.2010.489370.

Powell, G. N., & Eddleston, K. A. (2013). Linking family-to-business enrichment and support to entrepreneurial success: Do female and male entrepreneurs experience different outcomes? *Journal of Business Venturing*, 28(2), 261-280. doi:10.1016/j.jbusvent.2012.02.007

Raposo, K. C. S., & Astoni, S. A. F. (2007). Empreendedorismo feminino: oportunidade ou necessidade? [https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos09/412\\_Empreendedorismo\\_Feminino\\_Seget.pdf](https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos09/412_Empreendedorismo_Feminino_Seget.pdf)

Robles, B. J., & Cordero-Guzmán, H. (2007). Latino Self-Employment and Entrepreneurship in the United States: An Overview of the Literature and Data Sources. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 613(1), 18-31. doi/10.1177/0002716207303541.

Santos, E. L. S. (2017) Relações raciais e empreendedorismo: um estudo sobre negros empreendedores na região metropolitana do Rio de Janeiro. 168 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - *Universidade Federal de Goiás*, Goiânia, 2017. Disponível <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8527>

Scarborough, N. M. & Zimmerer, T. W. (2005). *Essentials of Entrepreneurship and Small Business Management*. (4th.Ed.). *New Jersey: Pearson Prentice Hall*.

Schell, S., Hiepler, M., & Moog, P. (2018). It's all about who you know: The role of social networks in intra-family succession in small and medium-sized firms. *Journal of Family Business Strategy*, 9(4), 311-325. doi:10.1016 / j. jfbs.2018.08.003

Sims, R. L., & Chinta, R. (2019). The mediating role of entrepreneurial ambition in the relationship between entrepreneurial efficacy and entrepreneurial drive for female nascent entrepreneurs. *Gender in Management: An International Journal*. doi 10.1108/GM-09-2019-0158. Singh, R. P., Crump, M. E. S., & Zu, X. (2009). Family matters: Examining how self-employed blacks and whites differ in having self-employed parents. *Entrepreneurship and its Economic Significance, Behavior and Effects*, edited by MV *Bradshaw and PT Carrington*, 1-20.

Smith, B., & Tolbert, C. M. (2018). Financial motivations and small business longevity: The effects of gender and race. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, 23(04), 1850024. <https://doi.org/10.1142/S1084946718500243>

Smith-Hunter, A. E., & Boyd, R. L. (2004). Applying theories of entrepreneurship to a comparative analysis of white and minority women business owners. *Women in Management Review*. Doi:10.118/09649420410518403.

Steele, C. M. & Aronson, J. (1995). Stereotype threat and intellectual test performance of African Americans. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(5), 797-811. doi: 10.1037 / 0022-3514.69.5.797

Tavares, A. C. S; Silva, P. M.; Monarcha, H. M. C. (2018). Afro empreendedorismo e o movimento black money: um estudo de caso: espaço art ato. *Revista de Comunicação e Cultura na Amazônia*, Belém, v. 4, p. 102-128, 2018. Disponível em <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/puca/article/view/7715/47966484>.

## Os desafios da empreendedora negra na gestão de seus negócios

---

Valdez, M. E., Doktor, H. R., Singer, A. E. & Dana, Leo-Paul (2011). Impact of tolerance for uncertainty upon opportunity and necessity entrepreneurship. *Human Systems Management* 30 145–153. DOI: 10.3233/HSM-2010-0742. IOS Press

Vale, G. M. V., Corrêa, V. S. & Reis, R. F. (2014). Motivações para o Empreendedorismo: Necessidade Versus Oportunidade? Disponível em <http://www.anpad.org.br/rac>. *RAC*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, art. 4, p. 311-327, Maio/Jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac20141612>

Verver, M., Passenier, D. & Roessingh, C. (2019). Contextualising ethnic minority entrepreneurship beyond the west Insights from Belize and Cambodia. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research* Vol. 25 No. 5, 2019 pp. 955-973 Emerald Publishing Limited 1355-2554. DOI 10.1108/IJEBR-03-2019-0190.

Wood, G. J., Davidson, M. J., & Fielden, S. L. (2012). Minorities in entrepreneurship: An international review. *Edward Elgar Publishing*.